

Aspectos culturais da comunidade surda: uma investigação acerca do desenvolvimento cognitivo em crianças a partir da análise de filmes

Cultural aspects of the deaf community: an investigation on cognitive children development from film analysis

Elizete Pinto Cruz Sbrissia Pitarch Forcadell¹
Fábio Oliveira Giacomini²
Luan Santos³

Resumo: O referido estudo foi desenvolvido no curso de Geografia da UNESPAR/Paranavaí, e é uma aplicação prática/reflexiva dos conteúdos trabalhados na disciplina de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS que teve seu reconhecimento na Lei 10.436/2002 e regulamentação no Decreto 5.626/05, o qual dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da Libras nos cursos de Licenciatura. O trabalho apresenta uma investigação acerca do desenvolvimento cognitivo em crianças surdas. É nesse viés que se faz importante trazer para o campo das discussões a análise de dois filmes intitulados de “O seu nome é Jonas” e “Black”, que nos permite constatar que os aspectos culturais e o convívio social influenciam diretamente no desenvolvimento do psiquismo da criança surda e este está diretamente ligado ao seu desempenho linguístico. A falta de acesso a diferentes acervos culturais pode restringir o desenvolvimento cognitivo do surdo, em contrapartida, o acesso aos diversos aspectos culturais poderá impulsionar positivamente em seu desenvolvimento, assegurar sua sobrevivência e afirmar suas identidades. Assim, concluiu-se que a análise de filmes é um importante instrumento de estudo, pois permitiu-nos ir além de ver retratados casos de crianças surdas que têm suas histórias duramente marcadas pela privação da sua identidade, da sua língua e do convívio social, fez-nos refletir sobre nosso real papel enquanto professores, e de como os sistemas educacionais, as famílias, e a sociedade em geral precisa galgar passos para que esses sujeitos não continuem a serem massacrados por uma cultura majoritariamente dominante ouvinte, mas que a inclusão de fato cumpra o seu objetivo, o de garantir que a igualdade, mesmo em meio a diversidade, seja a base para interação e desenvolvimento humano.

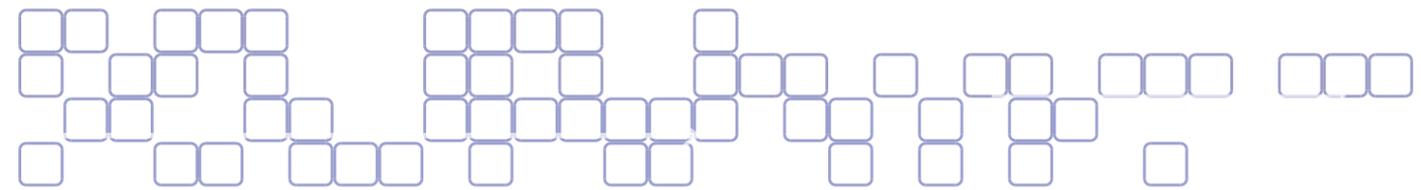
Palavras-chave: Cultura Surda. Convívio Social. Desenvolvimento Cognitivo e Linguístico.

Abstract: This study was developed in the Geography course at UNESPAR/Paranavaí, and is a practical/reflexive application of the contents worked in the Brazilian Sign Language – LIBRAS subject, which was recognized by 10.436/2002 Law and it was regulated by the 5.626/05 Decree, which provides the compulsory education of Libras in the teaching degree courses. The study presents an investigation about cognitive development in deaf children. In this way, it is important to bring to the discussion field the analysis of two films named "...And Your Name Is Jonah" and "Black" that allows us to verify that the cultural aspects and social interaction directly influence the development of the deaf child psyche and it is directly linked to their linguistic performance. On one hand, the lack of access to different cultural knowledge may restrict the deaf person's cognitive development. On the other hand, the access to different cultural aspects can positively boost their development, ensuring their survival and affirming their identities. Thus, it was concluded that the films analysis is an important instrument of study, because it allowed us to go beyond seeing some portrayed cases of deaf children who have their histories hard marked by the deprivation of their identity, their language and social life, it has made us reflect on our real role as teachers, and how education systems, families, and society in general need to go on for these

¹Mestre em Ensino. Especialista em Educação Especial Área da Surdez – Libras e Psicopedagogia Institucional e Clínica. Graduada em Pedagogia e Letras/Libras. Professora de Língua Brasileira de Sinais na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Paranavaí. Tradutora/Intérprete de Libras no Instituto Federal do Paraná, campus Paranavaí. Email: elizete.cruz@ifpr.edu.br

²Acadêmico do Curso de Geografia da UNESPAR/Paranavaí. Email: fabiogeografia@hotmail.com

³Acadêmico do Curso de Geografia da UNESPAR/Paranavaí. Email: luansantos4896@outlook.com



person do not continue to be massacred by a major predominantly listening culture, but when the inclusion fulfill its purpose, ensuring the equality, even in the middle of diversity, it is the basis for human interaction and development.

Keywords: Deaf Culture. Social Interaction. Cognitive and Linguistic Development.

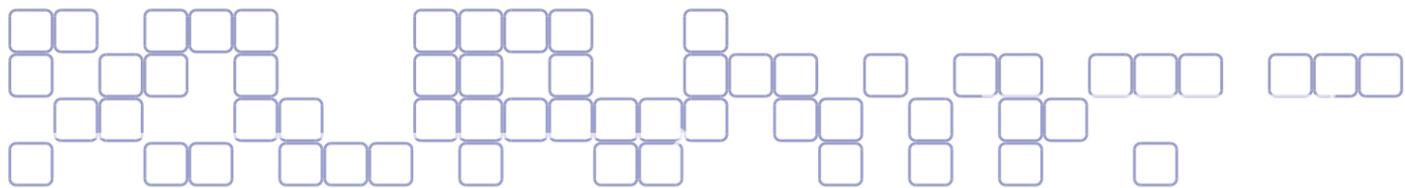
Introdução

A partir de estudos realizados na disciplina de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, ofertada na Universidade Estadual do Paraná, campus Paranaíba, surgiu-nos o interesse pela análise de dois filmes, o primeiro intitula-se, “O Seu Nome é Jonas”, um filme americano lançado em 1979, que mostra a realidade de um garoto surdo que vive em uma família de ouvintes e sem nenhum conhecimento em língua de sinais. O segundo filme, produzido em (2005), denomina-se “Black”, inspirado na vida da escritora indiana Helen Keller, em que conta a história de uma jovem chamada Michelle McNally, que ficou cega e surda, alguns meses depois do seu nascimento e enfrenta dificuldades de convivência familiar, de comunicação, de educação, e de aceitação social, tudo isso, culmina em um processo de desafios, sonhos e superação.

Toda a análise desses filmes possibilitou-nos trazer para o campo das discussões o processo de apropriação da cultura, e o desenvolvimento intelectual defendido pela teoria histórico-cultural, bem como o desenvolvimento da linguagem na criança surda.

Partimos do pressuposto de que tem se tornado cada vez mais constante nos espaços educacionais, estudos e pesquisas que tratam dos Estudos Surdos e os Estudos Culturais desses indivíduos, nos quais apontam para ótica da privação social, e esse fator ganha proporção, pois interfere diretamente nas questões do desenvolvimento psíquico desses indivíduos.

De acordo com Leontiev (2004), as crianças se apropriam da cultura historicamente produzida pela sociedade e esta cultura é transmitida de geração para geração por meio do convívio social. Assim, quando uma criança nasce encontra a sua volta um aparato de instrumentos e signos já produzidos pela sociedade, ao qual a criança irá se apropriar e a partir disto desenvolver-se enquanto homem. Leontiev (2004) assinala que quando uma criança é afastada do convívio social com outros de sua espécie, esta criança terá seu nível de desenvolvimento igual ao de animais, ou seja, não terá subsídios para desenvolver suas funções psicológicas superiores que o diferencia dos outros animais. Nas palavras do autor:



Está hoje estabelecido com toda certeza que se as crianças se desenvolverem desde a mais tenra idade, fora da sociedade e dos fenômenos por ela criados, o seu nível é o dos animais. Não possuem nem linguagem nem pensamento e os seus próprios movimentos em nada assemelham aos dos humanos: não adquirem mesmo a posição vertical (LEONTIEV, 2004 p. 284).

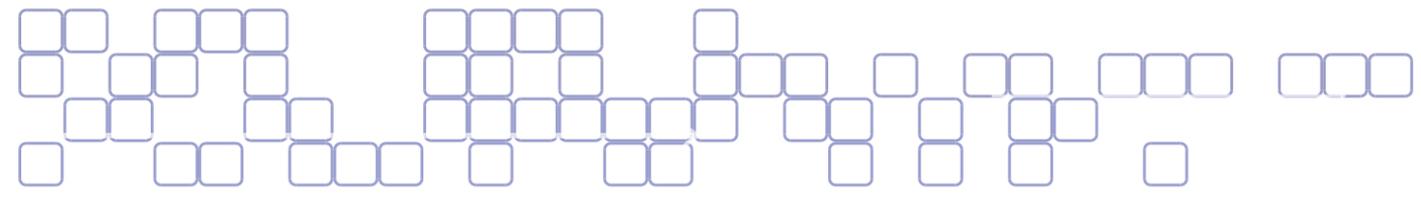
Nos últimos anos, tem-se ampliado o interesse em pesquisar a aquisição da linguagem e sua relação com o desenvolvimento cognitivo da criança surda. Esses estudos têm dado importância às interações sociais da criança em sua cultura surda, para que seu processo de aquisição da língua de sinais seja feito de forma natural, mediante sua inserção num ambiente apropriado para o estabelecimento de interação comunicativa e o conseqüente desenvolvimento linguístico cognitivo.

Na perspectiva histórico-cultural da aprendizagem, Vygotsky (2000) adverte que a criança, enquanto ser social que convive e interage com os seres adultos do seu próprio meio familiar, passa a se apropriar gradativamente dos instrumentos mentais, produzidos pelo próprio homem nas suas relações ao longo da sua história. A família passa a ser, então, o primeiro e o mais próximo grupo social com o qual essa criança manterá suas relações mais íntimas. Com referência às crianças surdas, em muitos casos, essa relação familiar será mantida por muito tempo como a única forma de interação desses indivíduos.

Glat (1996) registra que os horizontes socioafetivos dos indivíduos com necessidades especiais parecem mais limitados, porque acabam por passar a maior parte do seu tempo com a família que, por conta das limitações acessíveis no mundo social, acaba por ser a primeira e a única instância que proverá os valores dessas crianças, a sua concepção de mundo e a sua autoimagem. Para a autora, todo ser humano nasce em uma família específica, com características próprias, em uma cultura já existente, mas esse indivíduo também ocupará uma posição dentro dessa cultura familiar.

Com referência à criança surda, Schmid-Giovannini (1980) afirma que a integração dessa criança no meio familiar é o primeiro passo a ser dado, no sentido de integrá-la como membro ativo e participativo no seu contexto familiar. É essa relação de interação que possibilitará a integração da criança surda com a comunidade externa ouvinte na qual ela será inserida mais tarde. Para essa autora, as dificuldades na educação de uma criança surda podem ser minimizadas, se ela encontra na família o





apoio necessário para que possa conviver com as pessoas ouvintes sendo um ser ativo na sociedade. Privá-la desse contato não favorece a superação das dificuldades, pelo contrário limita o seu desenvolvimento, enquanto criança surda.

Para que essas relações e interações aconteçam, entretanto, é necessário que os sujeitos envolvidos em um processo educacional ocupem o mesmo território linguístico. Isso significa assumir a posição de que, o processo de ensino e de aprendizagem, de acordo com Rodriguero e Yegashi (2003, p. 47), tem início nas relações interpessoais da criança, pelo fato de ela necessitar da linguagem para que esse processo se efetive. Contudo, na maioria das vezes, ocorre um atraso no desenvolvimento linguístico da criança surda, uma vez que ela trilha caminhos diferentes dos percorridos por crianças ouvintes.

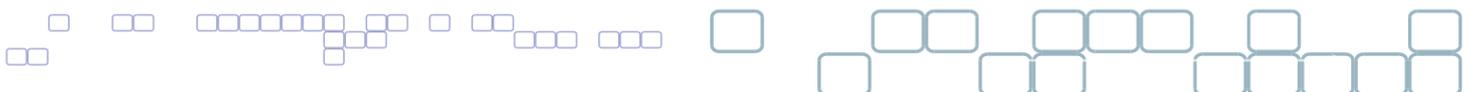
Sobre essa questão um importante aspecto é ressaltado por Goldfeld (1997, p. 42),

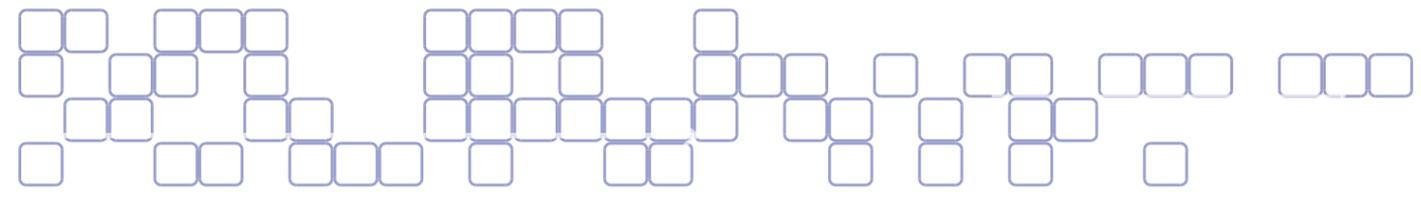
A pior realidade é que grande parte dos surdos brasileiros e seus familiares nem sequer conhecem a língua de sinais. Muitas crianças, adolescentes e até adultos surdos não participam da comunidade surda, utilizam a língua de sinais e também não dominam a língua oral.

A triste realidade apontada pela autora tem suas ramificações na forma como a própria sociedade se organiza em suas relações com o outro. As dificuldades em lidar com o diferente ou com a singularidade dos indivíduos é o que contribui para a formação de barreiras na convivência; barreiras essas que são facilmente percebidas no momento em que esses indivíduos têm que se relacionar num mesmo espaço social ou educacional.

Conforme descreve Jovchelovitch (1997, p. 42):

As representações sociais são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a adversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente. Nesse sentido, elas são um espaço potencial de fabricação comum, onde cada sujeito vai além de sua própria individualidade para entrar em domínio diferente, ainda que fundamentalmente relacionado: o domínio da vida comum, o espaço público. Dessa forma, elas não apenas surgem através de mediações sociais, mas tornam-se, elas próprias, mediações sociais. E, enquanto mediação social, elas expressam por excelência o espaço do sujeito na sua relação com a alteridade, lutando para interpretar, entender e construir o mundo.





Face ao exposto, o que se pretende é apontar a necessidade de se respeitar a singularidade da constituição do sujeito, para que se possa, enfim, aprofundar o debate acerca da inclusão e do respeito às diferenças. Além disso, torna-se necessário que, por meio da cognição, do afeto e da ação sobre o mundo, possam-se constituir novos rumos em direção à integração, tanto do surdo em sua própria comunidade e no mundo ouvinte, quanto do ouvinte também em sua própria comunidade ouvinte no mundo surdo.

A partir desses interesses, apresenta-se cenas dos filmes analisados que serviram para ilustrar a triste realidade vivenciada por muitos surdos em famílias ouvintes onde a língua de sinais não é a língua de comunicação. Consideramos importante transcrevê-las de modo que se faça uma análise comparativa e reflexiva sobre o longo processo de humanização, aquisição da linguagem, busca por uma língua natural, desenvolvimento cognitivo e a integração familiar e social.

Análise dos filmes “O seu nome é Jonas” e “Black”

Ao analisar as primeiras cenas dos filmes, sob a ótica da psicologia histórico-cultural, compreende-se que tanto Jonas quanto Michelle agem por instinto, suas atividades estão voltadas exclusivamente para sua sobrevivência, não demonstrando desenvolvimento psíquico. A respeito do desenvolvimento psíquico humano por meio da apropriação cultural, Duarte (2006) acentua que para Marx o homem começou a se desenvolver a partir do momento em que deixou de utilizar os instrumentos que possui para sanar apenas suas necessidades biológicas momentâneas e que as conquistas culturais passaram a ser transmitidas de geração para geração, permitindo assim a continuidade do desenvolvimento histórico humano, possibilitando desta forma o desenvolvimento cognitivo daqueles que se apropriam dos aspectos culturais.

No filme “O Seu Nome é Jonas” destaca-se uma cena vivenciada em família:

-...O menino é surdo, não entende uma palavra do que você está dizendo.

-Ele não sabe as palavras?... E ele pensa como?

-Eu não sei como ele pensa.

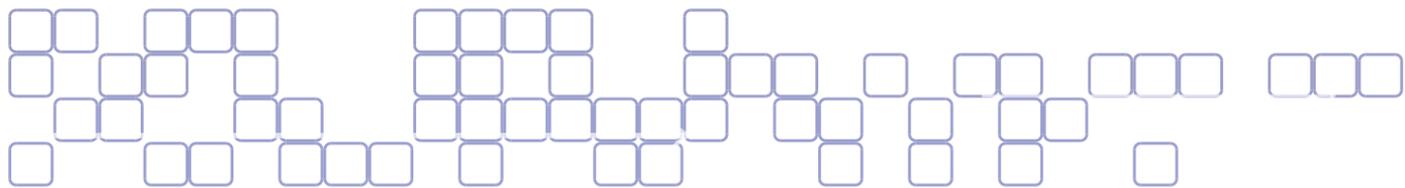
-Não ensinaram nada a ele lá no hospital?

-Sim ensinaram a amarrar os sapatos e a comer com uma colher

-...aquelas crianças são retardadas.

-Meu garoto voltou do hospital...

-Quem? O retardado?



- Ele não é retardado, ele é surdo
- Surdo? É isso mesmo? E quanto tempo vai ficar em casa?
- Pra sempre
- Ele lê lábios, esse tipo de coisa?
- Não, não lê lábios, nem conhece as palavras
- E como você fala com ele?
- Eu não sei como eu falo com ele.

O mesmo acontece na família de Michelle, retratada no filme “Black”:

O médico disse que Michelle não pode ver nem ouvir. Nossa Michelle ficou cega e surda... Com Michele nunca poderemos ser felizes... Enviaremos ela para uma instituição... Eu a amo tanto quanto você, mas ainda assim quero manda-la embora... ela poderia causar danos irreparáveis... Não há outra solução, minha paciência acabou.

Abordando sobre o desenvolvimento cognitivo da criança surda, Fernandes (2000, p.51) prioriza o suporte linguístico na língua de sinais, pois:

[...] saber propiciar a aquisição da Língua de Sinais à criança surda, antes de tudo como respaldo e principal instrumento para o desenvolvimento dos processos cognitivos, é o primeiro grande e indispensável passo para a verdadeira educação deste indivíduo.

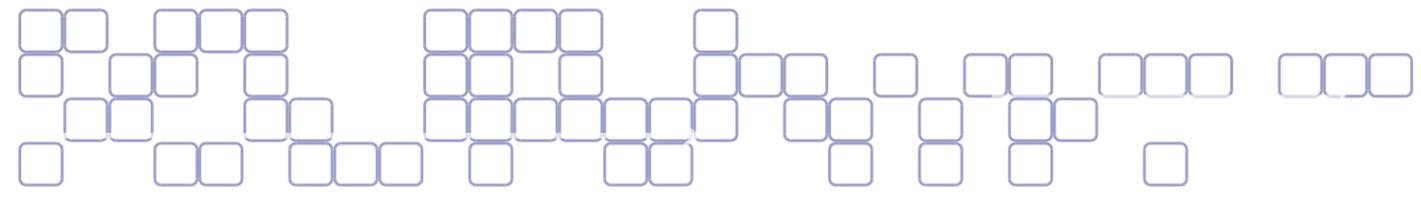
Ao considerar os efeitos dos atrasos da linguagem, seus estudos trazem, principalmente, as implicações da função organizadora da linguagem sobre o desenvolvimento cognitivo da criança surda, que muitas vezes é exposta tardiamente à sua língua nativa. E tais questões significam muito mais que uma simples dificuldade de comunicação.

Outras duas cenas familiares que nos chamam a atenção merecem ser destacadas:

- Deixe o prato aí.
- Deni, ele não entende o que você está dizendo
- Mas ele vai entender. Se continuar jogando comida no chão ele não vai comer, tem direito até para um cachorro
- Ele não é cachorro
- Mas come como um cachorro (cenas do filme: “O Seu Nome é Jonas”)

- Talvez haja um professor que seja mágico, um que traga luz para a vida de nossa Michelle...
- Se vocês acham que sua filha é um animal... o que esperam dos outros?
- É o seu trabalho torná-la humana. (cenas do filme: “Black”)





Ao analisar a teoria exposta por Leontiev (1978) sobre o desenvolvimento do psiquismo animal e o comportamento apresentado por Jonas e Michelle nos filmes aqui expostos, em ambos é possível presenciar características de desenvolvimento semelhante ao dos animais. Em suas pesquisas Leontiev (1978) pontua que existem três estágios do desenvolvimento psíquico, mas neste momento é necessário voltar a atenção ao estágio do psiquismo sensorial.

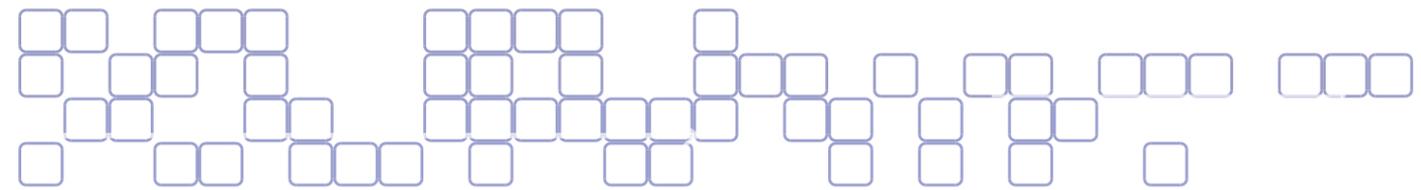
De acordo com Leontiev (1978), o estágio do psiquismo sensorial é caracterizado pelo foco da atividade, concentrar-se nas ligações existentes entre o animal e suas necessidades biológicas. Ao discorrer sobre o desenvolvimento cognitivo humano, Martins (2011) acentua que neste nível de desenvolvimento psíquico, as atividades realizadas estão relacionadas aos órgãos dos sentidos e motores, as combinações destes órgãos deram origem a um novo órgão que é utilizado para coordenar os processos sensoriais; o sistema nervoso primitivo. Assim podemos conferir as considerações da autora:

A combinação do desenvolvimento dos órgãos da sensibilidade e do movimento determinou o surgimento de um novo órgão destinado a coordenar tais processos: o sistema nervoso primitivo. O surgimento desse sistema, que também atende a profundas transformações evolutivas, é condicionado pela individualização de um órgão central, o qual passa a mediar a atividade vital do organismo (MARTINS, 2011, p.22).

Os comportamentos de Jonas e Michelle estão diretamente relacionadas ao suprimento de suas atividades biológicas como ocorre no estágio apontado por Leontiev (1978). Vale ressaltar que as funções psicológicas são desenvolvidas na interação do indivíduo com o meio, sendo assim, se o meio não favorece o estímulo necessário e adequado para que haja interação entre todos, esse desenvolvimento psíquico tende a ir na contramão do que convencionalmente se habituou a chamar de comportamento 'normal', e conseqüentemente, a privação social.

Vygotsky e Luria (1996) advertem que, não existem mais homens primitivos, ainda que seu desenvolvimento psíquico seja o mais selvagem encontrado perante o nível de desenvolvimento da humanidade. Na obra intitulada “Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança”, buscam discorrer sobre os estágios do desenvolvimento do comportamento. Nesta obra os autores pontuam que o primeiro estágio de desenvolvimento do comportamento é “representado pelas reações





hereditárias ou modos inatos de comportamento. *Estes são geralmente chamados de instintos*” (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 55, grifos nossos).

Observa-se o fato da privação social interferir diretamente nas questões do desenvolvimento psíquico dos indivíduos.

Com o posicionamento dos autores voltamos a destacar com base na análise dos filmes, a privação social que Jonas e Michelle tiveram que vivenciar nos espaços educacionais,

Não permitimos em nossas sessões o uso de sinais de linguagens ou gestos, acreditamos que quando a criança começa a usar sinais se torna preguiçoso pra poder aprender a sua voz e ler os lábios, ele segue o curso de menor resistência, a senhora entende?...se ele usar sinais e não aprender a falar e ler os lábios, quando crescer ele só poderá falar com os surdos... Infelizmente é um mundo de sons, infelizmente para o surdo é. Por isso, não permitimos sinais e avisamos aos pais para não permitirem também em casa nunca, nunca, nunca. (cenas do filme: “O Seu Nome é Jonas”)

-Há escolas especiais para jovens como ela... onde ensinam muitas coisas.

-A fazer cestas, costura cobertores...

-Já ouviu falar de alguma jovem como Michelle sendo aceita em um colégio normal?

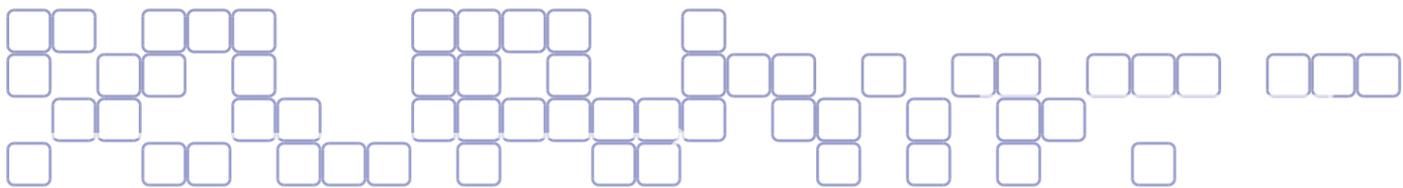
-Não, mas gostaria muito. (cenas do filme: “Black”)

Skliar (1997, p. 126-127), ao falar sobre a língua de sinais, chama a atenção para duas questões distintas da língua, “[...] uma coisa é a potencialidade expressiva de uma língua e outra, muito diferente, o estado cognoscitivo, informativo e cultural no qual se encontra quem usa essa língua”.

A partir daí, faz uma importante afirmação em relação à aprendizagem do surdo, que vem a fortalecer os pressupostos nesse estudo:

[...] se os surdos foram excluídos de aprendizagens significativas, obrigados a uma prática de atividades sensório-motoras e perceptuais, mas não de conteúdo de abstração, se foram impedidos de utilizar a Língua de Sinais em todos os contextos de sua vida, então nada têm a ver os surdos nem a Língua de Sinais com as supostas limitações no uso dessa língua, na aquisição de conhecimentos e no desenvolvimento de seu pensamento.

O autor não vê na língua de sinais restrições que causem limitações aos surdos. Ao contrário, destaca as razões socioeducativas que pouco oportunizam aos surdos a utilização dessa língua ou até a impedem.



Vygotsky (2006) assevera que a aprendizagem promove o desenvolvimento intelectual da criança, ou seja, na medida em que a criança dá um passo na linha da aprendizagem dá dois na linha do desenvolvimento. Assim, aconteceu com Jonas e Michelle que, conforme se apropriavam dos aspectos culturais por meio da intervenção da mãe, no caso de Jonas e do professor, no caso de Michelle, passaram a apresentar desenvolvimento de suas funções psíquicas superiores e a cada nova aprendizagem se aproximavam cada vez mais de suas características humanas, se afastando do comportamento do mundo animal. Neste momento acontece o que foi pontuado anteriormente, que Leontiev (2004) o que chamou de processo de humanização, que se dá por meio da apropriação da cultura humana.

O processo de aquisição e desenvolvimento linguístico de uma criança, geralmente, é observado pelos pais, familiares e/ou pessoas ouvintes que convivem diariamente com ela. A língua materna do filho, normalmente, é a mesma dos pais e/ou do meio que a criança está inserida e, portanto, a estimulação da linguagem da criança ocorre de forma muito natural, assim como a percepção do comportamento linguístico dela.

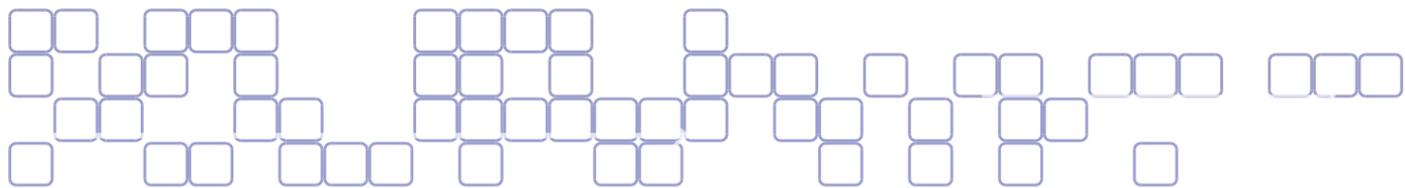
Quando há alguma alteração nesse processo, como algum atraso no aparecimento da fala ou fala pouco inteligível em uma determinada faixa etária, usualmente, os pais ou as pessoas que convivem com a criança conseguem detectar que há alguma diferença no seu desenvolvimento, pois estabelecem comparações do processo de desenvolvimento linguístico dessa criança com outras da mesma faixa etária. Essa possibilidade de percepção de diferenças ou não no processo de desenvolvimento linguístico infantil está relacionada ao conhecimento da própria língua que os pais utilizam e do seu uso por indivíduos de diferentes idades.

Pode-se observar, nesses dois filmes, a importância de a família entender que ela também faz parte do processo de formação educacional de seus filhos:

Quer conhecer gente surda? ... poderia ir ao clube dos surdos? ... os surdos gostam de se encontrar, por isso temos nosso clube, gostaria de ir?...vai conhecer surdos bem diferentes, não somos todos iguais, magros, gordos, altos, baixos, inteligentes, burros...

Quero que Jonas aprenda a linguagem dos sinais. Eu quero aprender a linguagem dos sinais ...não acho que Jonas fracassou eu é que fui um fracasso... todo esse tempo eu fingia que ele não era surdo... fingia que ele poderia ser igual aos outros...acho que estamos querendo





transformá-lo numa coisa que não é... acho que cabe a nós que amamos Jonas, ajuda-lo a viver na surdez...preciso escolher o que é melhor para Jonas. (cenas do filme: "O Seu Nome é Jonas")

-Olhe esta moça. Não pode ouvir nem ver, e ainda assim... veja é simplesmente maravilhosa!

-Ela é Michelle... a moça de que eu falava

-Isto é impossível...

-Impossível é uma palavra que nunca ensinei a ela...

-Como ela vai entender as aulas?

-Me sentarei com ela na sala de aula. Aprenderá tudo através dos sinais, cada palavra, cada letra.

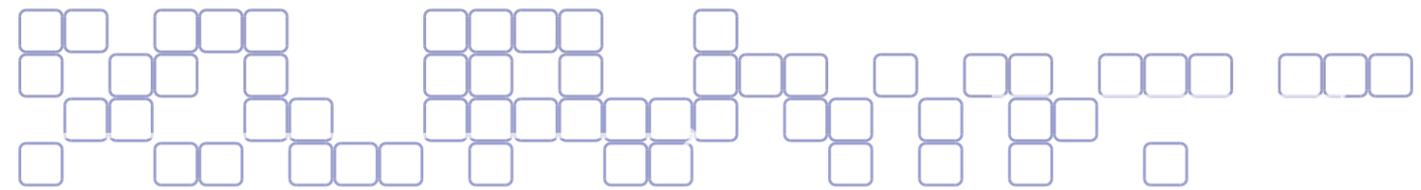
Michelle tem estudado na mesma classe durante dois anos. Assim, pensei em fazer algo para ajuda-la. O primeiro ano de Artes, todo em braille. (cenas do filme: "Black")

Conforme observado por Quadros (2008, p.79), as crianças surdas apresentam diferentes contextos de aquisição da linguagem relacionados com o meio em que estão inseridas. O primeiro que se apresenta é o do lar, onde os pais podem ser ouvintes que usam a língua de sinais ou não; ser surdos ou apenas um deles ser surdo; ter familiares surdos ou não; ter relações com outros surdos ou não, entre outros. O segundo contexto possível é o da escola, que pode oferecer um ambiente linguístico na língua de sinais por meio de surdos adultos, por meio de profissionais fluentes na língua e, até mesmo, garantir o contato com pares surdos. Por outro lado, há possibilidade de a criança estar em uma escola em que o único modelo de língua de sinais seja o intérprete, se houver.

Outro contexto possível é o clínico, no qual a criança pode ter atendimento especializado antes de ingressar ou paralelamente à escola, caso a abordagem seja exclusivamente oral. Há também atendimentos clínicos que apresentam uma abordagem bilíngue, considerando a língua de sinais como primeira língua e o português escrito como segunda língua. Essas são algumas possibilidades de ambientes linguísticos em que a criança surda pode estar inserida. Dependendo das experiências nesses contextos, as crianças apresentarão implicações no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Ainda hoje, várias crianças têm acesso à língua de sinais somente em idade escolar, iniciando a aquisição da linguagem tardiamente, após o período crítico de





aquisição da linguagem e, conseqüentemente, apresentando um atraso significativo no seu desenvolvimento linguístico e possíveis dificuldades emocionais e na aprendizagem.

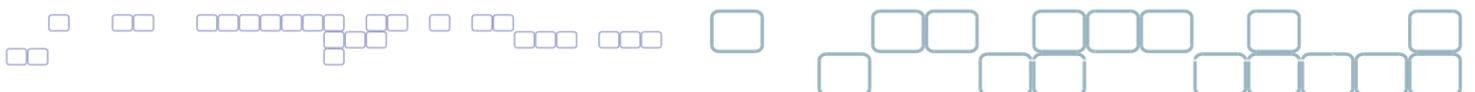
Na indicação da abordagem, é fundamental que seja permitida a aquisição de uma língua natural, ou seja, a língua materna da criança surda deve ser uma modalidade à qual ela tenha acesso completo (visual-espacial ou auditivo-oral).

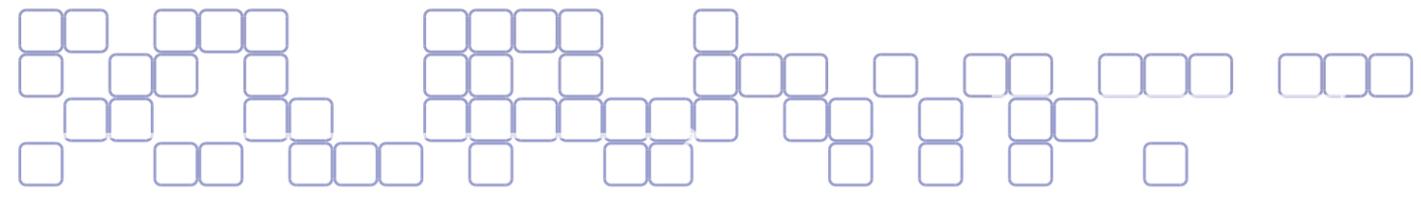
A primeira língua não pode ser adquirida pela criança na puberdade com a mesma facilidade no período compreendido desde a infância até a senectude (velhice). No mesmo momento em que a lateralidade cerebral se estabelece solidamente (por volta da puberdade), os sintomas da afasia adquirida tendem a ser irreversíveis depois de cerca de três a seis meses de seu início. Os prognósticos de recuperação completa rapidamente se deterioram com o avanço da idade depois da adolescência. Em acréscimo, os limites da aquisição da primeira língua por volta da puberdade são demonstrados em pessoas com retardo mental, que frequentemente conseguem fazer progressos lentos e modestos na aquisição da linguagem até o início da adolescência, período em que status da sua fala e linguagem tornam-se permanentemente consolidados (LENNEBERG, 1967, p. 178).

Os pais, até receberem o diagnóstico da surdez, geralmente estabelecem uma comunicação oral e gestual com o filho surdo, mas com limitação linguística significativa. Após o diagnóstico, a forma de comunicação entre os pais e o filho surdo pode ou não se modificar.

O acesso às informações sobre a surdez e o desenvolvimento da criança surda, a conscientização da necessidade de a criança adquirir uma língua de sinais (viso/espacial), o reconhecimento da importância em aprender a língua de sinais para se comunicar com a criança, o conhecimento e a troca de experiências com pais de crianças surdas que utilizam língua de sinais, a possibilidade de receber apoio emocional, a abordagem terapêutica indicada pela fonoaudióloga (oral ou bilíngue), a indicação de aparelhos auditivos e a indicação de implante coclear são alguns dos fatores que podem exercer grande influência no processo de aquisição da linguagem da criança surda, contribuindo para que a criança tenha um processo de aquisição normal ou alterado.

A abordagem bilíngue considera a língua de sinais a primeira língua da criança surda, pois, atentando aos resultados das pesquisas em aquisição da linguagem, o acesso à língua de sinais permite o desenvolvimento da linguagem de forma natural e





espontânea, podendo ocorrer de forma análoga ao processo de crianças adquirindo quaisquer outras línguas.

Além disso, a aquisição da primeira língua de forma consciente em um período considerado normal oferece uma base linguística consolidada para a aquisição de uma segunda língua, assim como observado em outros contextos bilíngues (CUMMINS, 2000). Portanto, o processo de aquisição da linguagem por meio de uma língua natural em crianças surdas dependerá do acesso às informações que os pais receberão sobre a surdez e sobre a língua de sinais. A consciência da necessidade de a criança adquirir uma língua visual e o reconhecimento sobre a importância em aprender a língua de sinais para se comunicarem com o seu filho podem viabilizar um desenvolvimento linguístico mais educado.

Sobre as dificuldades no processo educacional, em decorrência da deficiência, merecem ser destacadas nas falas de Michelle:

-Pra que ela quer estudar?

-Quero estudar... e aprender... para poder viver com dignidade, com independência... e para estar viva...Novas portas se abriram pra mim... novos amigos, nova história, nova poesia, uma nova maneira de ver o mundo.

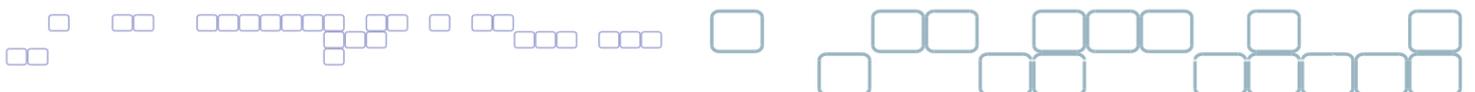
-O que você é o que sonha!

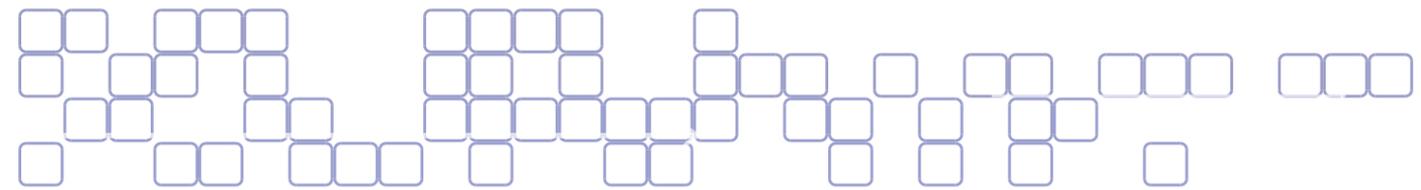
-Não, ela discorda do poeta...

-Os olhos não veem os sonhos, mas sim a mente. Eu não posso ver com meus olhos, mas, ainda assim, sonho, nosso sonho é que um dia eu me forme.

O contexto linguístico em que a criança surda está inserida poderá ser determinante no seu processo de aquisição da linguagem, pois mesmo apresentando condições internas de adquirir a linguagem de forma natural e normal, como as crianças ouvintes, há possibilidade de atraso linguístico e/ou sequelas devido à falta de *input* em língua à qual a criança tenha acesso completo o mais cedo possível. Informações e estudos referentes ao processo de aquisição normal na língua de sinais necessitam ser compartilhadas com os pais, que muitas vezes desconhecem essa possibilidade e deixam de entender e de serem entendidos pelos filhos por um longo tempo.

Os estudos apresentados sobre o processo de aquisição normal da linguagem por crianças surdas ressaltam a importância de os profissionais envolvidos no diagnóstico e na intervenção terapêutica com crianças surdas considerarem a língua de





sinais como uma possibilidade real para a aquisição normal da linguagem, mesmo que a língua oral seja indicada (como segunda língua), pois um processo normal de aquisição da linguagem contribui para que a criança surda seja incluída em sua família e para que tenha as oportunidades de aprendizagem que a criança ouvinte tem.

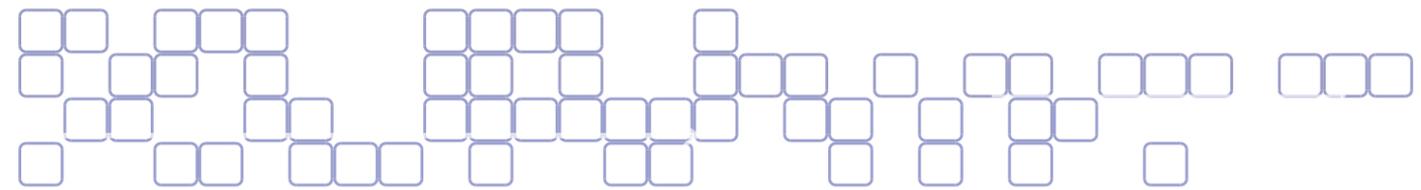
Depois de muitas tentativas...hoje eu Michelle, finalmente me formo, mas há uma diferença entre você e eu. O que a vocês custou 20 anos, a mim custou 40, mas, finalmente consegui... Quando eu era criança, sempre estava procurando algo, mas eu encontrava somente escuridão. Um dia, minha mãe me pôs naqueles braços desconhecidos. Ele era diferente de todos. Ele era mágico. Durante anos, ele foi me arrastando da escuridão para a luz...Quando se trata de Deus, somos todos cegos. Nenhum de vocês jamais o viu ou ouviu. Mas eu toquei em Deus. Senti a presença dele. Eu o chamo proo...Pra mim era tudo negro, mas meu professor me ensinou o novo significado de negro.Negro não é apenas escuridão e asfixia. É a cor da realização, a cor do conhecimento, a cor da roupa de graduação...Me custaram 40 anos para realiza seu sonho. E hoje pela primeira vez, sinto falta da minha visão. Porque queria ver meu professor... vendo-me realizar nosso sonho, orgulhoso. (cenas do filme "Black")

Em suma, o depoimento de superação vivenciado por Michelle permite-nos refletir sobre a responsabilidade que nós enquanto professores temos em relação aos processos de ensinar e de aprender para que possamos contribuir positivamente na formação de todos os nossos alunos.

Considerações Finais

Diante do exposto, compreende-se que somente por meio das relações sociais com outros que já se apropriaram dos aspectos culturais e desenvolveram suas especificidades humanas, uma criança poderá desenvolver-se como ser humano. Em outras palavras é por meio do contato com outras pessoas que desenvolvemos as nossas características humanas.

A criança começa se apropriar dos conhecimentos necessários ao seu desenvolvimento muito antes da frequência à escola, pois já no seio familiar se apropria de aspectos culturais que irão propiciar o seu desenvolvimento intelectual. No caso de Jonas e de Michelle a especificidade patológica, a restrição do seu contato com outros e a privação de sua língua natural, influenciaram no atraso do desenvolvimento de suas funções intelectuais, comprometendo, assim, o seu



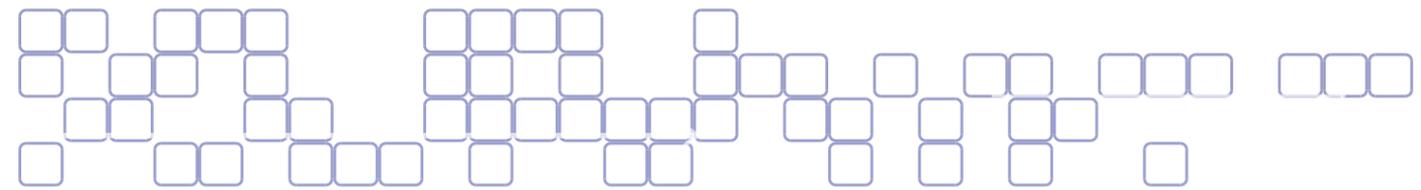
desempenho educacional, mas mesmo todos esses fatores interferindo negativamente no seu desenvolvimento, esses não puseram fim ou limites aos seus sonhos.

De acordo com os autores da psicologia Histórico-Cultural, a aprendizagem e o desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança e este estado só pode ser determinado revelando-se seus dois níveis de desenvolvimento. A aprendizagem humana pressupõe uma natureza social específica e um processo por meio do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam. Portanto, a linguagem surge, a princípio, como um meio de comunicação entre a criança e as pessoas de seu ambiente.

Na perspectiva de Quadros (1997), deve-se criar um ambiente linguístico apropriado, ou seja, oportunizar o acesso à língua de sinais, sendo a única possível de ser adquirida de forma espontânea e sem intervenção sistemática e formal. Esse ambiente possibilitaria à criança o desenvolvimento socioemocional íntegro e a formação de sua personalidade, sendo que o mesmo também deve ser garantido na relação com os pais, ou seja, deve-se oferecer à criança a oportunidade de conceber sua própria teoria de mundo a partir de suas experiências com o meio que a cerca.

REFERÊNCIAS

- CUMMINS, J. *Language, power, and pedagogy: Bilingual children in the crossfire*. Clevedon, England: MultilingualMatters. 2000.
- DUARTE, N. *Vygotsky e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós modernas da teoria vigotskiana. 4 ed. campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- FERNANDES, E. *Língua de sinais e desenvolvimento cognitivo de crianças surdas*. Espaço: informativo técnico-científico do INES. Rio de Janeiro, n. 13, jun. 2000. P. 48-51.
- GLAT, R. O papel da família na integração do portador de deficiência. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. II, n.4, p. 111-118, 1996.
- GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista*. São Paulo: Plexus, 1997.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo humano*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- MARTINS, L. M. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica*. 2011. 250 f. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Ciências de Bauru. Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2011.



QUADROS, R. M.de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre. Artmed. 1997.

QUADROS, R. M. de. (Org) *Teorias de aquisição da linguagem*. 1 ed. Petrópolis: Editora da UDSC, 2008, v. 1, p. 45-82.

RODRIGUERO, Celma Regina Borghi; YEGASHI, Solange Franci Raimundo. *A família e o filho surdo: uma investigação acerca do desenvolvimento psicológico da criança segundo a abordagem histórico-social*. 1 ed. Curitiba, Pr. CRV, 2003.

SCHMID-GIOVANNINI, S. *Habla conmigo: método para que padres y educadores enseñen a hablar a niños com transtornos auditivos (de 0 a 7 años)*. Buenos Aires: Sapeusz, 1980.

SKLIAR, C. (Org.). *Educação & Exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial*. Cadernos de Autoria. Porto Alegre: Mediação/ Programa de Pós-Graduação UFRGS, 1997a.

VIGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006, pp, 103-117.

VYGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.